



EDITORIAL

Nesta edição da Newsletter da Fundação Jorge Álvares contamos com um artigo da Dra. Celina Veiga de Oliveira sobre a Dra. Graciete Batalha por ocasião do centenário do seu nascimento, e que muito lhe agradecemos. A Dra. Graciete Batalha rumou a Macau em 1949, quando terminou a sua licenciatura em Coimbra e casou com o médico oftalmologista macaense Dr. José Marcos Batalha, que se estabeleceu nessa altura em Macau. Foi professora em Macau e publicou várias obras e artigos sobre temas ligados a Macau e à cultura macaense.

Tendo tido lugar o início das comemorações do Novo Ano Chinês no passado dia 29 de janeiro, apresentamos uma súmula das várias iniciativas em que representantes da Fundação estiveram presentes, promovidas pela Embaixada da China em Portugal, pela Associação dos Amigos da Cultura Chinesa e pela Casa de Macau. Contamos com um artigo de opinião da Prof.^a Wang Suoying, membro do Conselho Consultivo da Fundação Jorge Álvares e docente de chinês e português, sobre a simbologia do Ano da Serpente, animal associado ao novo ano lunar.

Por último, é de referir as duas novas colunas da Newsletter, que nela passarão a figurar de forma regular durante 2025, uma assinada pelo investigador de História de Macau Dr. Alfredo Gomes Dias sobre aspectos curiosos da vida de Macau, e outra da autoria da Prof.^a Wang sobre simbologia chinesa.

Maria Celeste Hagatong
Presidente da Fundação Jorge Álvares



NOTÍCIAS E DESTAQUES

No centenário do nascimento de Graciete Batalha (1925-1992) Homenagem a uma grande figura da cultura de Macau



Graciete Batalha nasceu em Leiria, a 30 de janeiro de 1925, a mais nova de três filhas do casal José Nogueira Júnior e Maria Guilhermina Nogueira. Desde criança que mostrou ser aplicada, como o demonstra a sua caderneta escolar: 20 valores, no 1.º Ciclo do Curso Geral dos Liceus (Liceu Rodrigo Lobo, Leiria), e 19 valores, no 2.º Ciclo (Liceu Infanta D. Maria, Coimbra). Em 1943, com 18 anos, concorreu aos Jogos Florais da Mocidade Portuguesa, ganhando o 2.º Prémio de poesia com o poema “O mar”.

Licenciou-se em Filologia Clássica na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra com elevada classificação, e só não iniciou uma carreira académica porque casou com um médico macaense, José Marcos Batalha, indo viver para Macau em 1949, ano da proclamação da República Popular da China.

Que pensava a jovem portuguesa da sua nova vida ao lado do grande país asiático?

China, esse país lendário onde me trouxe o amor. Só ele, na verdade, poderia trazer para tão longe uma portuguesinha como eu, sem espírito e sem fome de patacas. (...) Se tivesse, por exemplo, feito cópias das muitas cartas que escrevi para a família e amigas nesses primeiros anos de Macau, teria hoje um bom documento de como uma moça que só conhecia do Oriente os romances de Pearl Buck e Pierre Loti, se viu subitamente confrontada com uma realidade bem diferente.

Durante 8 anos foi professora na Escola Primária Oficial Pedro Nolasco da Silva, por não haver vaga para a sua área no ensino secundário. Apreciou imenso esta experiência profissional, que terminou de forma deselegante, após ter recebido do governo a rescisão do seu contrato de trabalho por *excesso de habilitações...*

Seguiu-se um período em que deu aulas de Língua e Literatura Portuguesa na Universidade de Hong Kong e explicações particulares em casa, aproveitando esse tempo para escrever artigos, crónicas e ensaios e dedicar-se ao estudo da “língua de Macau”, o *patuá*, crioulo usado sobretudo pelas senhoras macaenses e falado também na família do marido. Graciete Batalha explica este seu interesse pelo estudo do dialecto antigo:

Tinha lido amostras do crioulo de Macau em Leite de Vasconcelos e outros, mas este já era diferente. Mais diferente ainda era a falta das pessoas de meia-idade (...). Comecei então a recolher material para futuros estudos, pois vi que a informação que em Portugal havia sobre o dialecto de Macau estava quase com cem anos de atraso. E foram umas primas velhotas, com espantosa compreensão do meu interesse (...) que se prestaram desde logo a pequenos inquéritos linguísticos, embora afirmassem que já não sabiam falar lingu makista, suas mães e avós é que falavam.

Surgiu assim um trabalho de investigação de excepcional qualidade, que começou a ser publicado, a partir de 1971, na Revista Portuguesa de Filologia da Universidade de Coimbra, ao tempo dirigida pelo Professor Paiva Boléu. Sobre este tema, deixou-nos vários escritos, de que se destaca o *Glossário do Dialecto Macaense*, obra de referência, a que se seguiu um *Suplemento* que completou a sua pesquisa linguística, mercê da continuada investigação e do contributo autorizado de obras entretanto publicadas.

Alguns anos mais tarde, concorreu a um lugar no Liceu Nacional Infante D. Henrique, onde foi, como escreveu com o humor que a caracterizava, “pau para toda a colher”, dando aulas de Português, História, Filosofia, Organização Política, Psicologia e Literatura.

As peripécias da sua vida como professora ficaram registadas no livro *Bom Dia, S'tora – Diário duma Professora em Macau*, que lhe valeu o Prémio Camilo Pessanha do IPOR em 1991. O *leitmotiv* deste livro é o dia a dia de uma professora em Macau, a alegria breve de um ano escolar bem acabado, a saudade dos alunos que partiam, mas também as pertinentes e bem pensadas reflexões sobre métodos de ensino, a ilogicidade da aplicação em Macau de programas forjados em Portugal num outro contexto e numa outra realidade, a inadequação da didáctica do português utilizada – *estas crianças são ensinadas como se falassem português desde o berço. Os métodos que usamos deviam ser outros, mas ninguém nos prepara para esses outros* –, ou a interrogação constante sobre a justeza dos castigos: *Se não pude evitar a indisciplina em vez de castigá-la, errei algures.*



Mas este livro é muito mais do que um simples diário de uma professora. É também um repositório da vida da cidade e da própria História de Macau, com os episódios que determinaram e ritmaram as transformações ocorridas, desde o medir de forças entre o Território e a República Popular da China a partir de 1949, passando pelos *infaustos acontecimentos* do “1, 2, 3” de 1966, quando chegaram as ondas de choque da Revolução Cultural Chinesa, até à revolução do 25 de Abril e dos reflexos que haveriam de conduzir à

passagem para as mãos da China deste pedacinho de solo, por tantos séculos berço de portugueses agora sem futuro na sua terra.

A sua morte em 1992 impediu que pudesse fazer uma avaliação da realidade da RAEM com a serenidade e a inteligência que lhe eram características.

*** Celina Veiga de Oliveira, licenciada em História (Coimbra), trabalhou em Macau durante duas décadas em funções diversas ligadas à área cultural, foi professora de História (1980-1984)**

Renovado o apoio da FJA ao Blogue Macau Antigo



Fundação
Jorge Álvares



Criado em 2008 por João Botas, o blogue *Macau Antigo* constitui o maior acervo documental online sobre a história de Macau acessível gratuitamente, tendo até à data criado 6198 publicações e cerca de 2,7 *pageviews*. É consultado em todo o mundo, designadamente, e por ordem de visualizações/leitores, em Hong Kong, Países Baixos, Estados Unidos da América, Singapura, Portugal, Macau, Alemanha, Brasil, Áustria e Austrália.

Face ao indiscutível interesse e qualidade dos conteúdos a FJA, que apoia o blogue anualmente desde 2017, renovou o seu apoio para o ano de 2025.

Visite aqui o [Blogue Macau Antigo](#).

Intercâmbio Linguístico e Aprendizagem Cultural Mútua - 2.º Fórum Internacional sobre o Ensino de Chinês como Língua Estrangeira em Portugal



第二届葡萄牙国际中文教育研讨会
2.º FÓRUM INTERNACIONAL SOBRE O ENSINO
DE CHINÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA EM PORTUGAL

A convite da Embaixada da China em Portugal a Presidente da FJA, Maria Celeste Hagatong, participou no 2.º Fórum Internacional sobre o Ensino de Chinês como Língua Estrangeira em Portugal, que teve lugar no passado dia 12 de dezembro na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria.





Na sua intervenção Celeste Hagatong destacou as ações desenvolvidas pela FJA ao longo dos anos no âmbito do ensino do mandarim a portugueses e de português a residentes chineses em Portugal, salientando, entre outras, o apoio prestado durante vários anos às aulas de mandarim lecionadas no Centro Científico e Cultural de Macau pelos prestigiados Professores Wang Suoying e Lu Yanbin, bem como à edição do seu manual *Lições de Chinês para Portugueses*.

Por seu lado, de entre outras intervenções, a Professora Wang Suoying, membro do Conselho Consultivo da FJA, proferiu uma interessante e muito completa comunicação sobre *O Ensino de Mandarim em Portugal – História e Atualidade*.



Aconteceu em Macau

* Vista de Macau da Baía da Praia Grande, pintura a óleo sobre tela, escola chinesa, cerca de 1850, Coleção da Fundação Jorge Álvares

... auxílio que pede para destruir os Ladrões...

Durante muito tempo circulou a ideia de que o estabelecimento dos portugueses em Macau se deveu a uma dádiva do Império da China em troca do auxílio prestado no combate à pirataria, que circulava pelos mares do sul. Uma lenda que se fez história ou uma história que se fez lenda? Do século XVI ao século XX, foram frequentes os contactos entre as autoridades chinesas e portuguesas para juntar esforços e *alimpar o Mar dos Ladrões*. As atas do Leal Senado de Macau dizem-nos que, em fevereiro de 1792, chegou mais um pedido dos mandarins de Cantão. O Procurador, com a chapa mandarínica na sua posse, junto dos homens-bons da Cidade, apresentou o pedido, apelou à mobilização e ofereceu os seus bons auxílios monetários. Eram solicitadas duas embarcações para ajudar o Império e este não era o momento para escusas ou hesitações.

Em troca do auxílio estava a promessa de restituição de antigos privilégios que, entretanto, tinham sido esquecidos. Viviam-se tempos difíceis em Macau. Já se havia esgotado a prata que antes brotava do Japão. À medida que a riqueza minguava, definhava também a sua autonomia. E, este novo pedido era uma oportunidade para a *restituição, e concessão de Privilégios que nos eram concedidos pelos Imperadores passados*.

Mais uma vez, tal como já havia acontecido antes e viria a acontecer depois, Macau preparava-se para sair em socorro do vasto Império. A história continuava a alimentar a lenda. Com a “ajuda” de piratas e ladrões, Macau tentava recuperar velhos privilégios e, quiçá, novas benesses, que garantissem a continuidade da presença portuguesa naquela breve terra. Por isso, os homens-bons da Cidade, tal como expressou o seu Governador, reafirmaram que *para o serviço do Imperador sempre nos achará prontos*.

Alianças entre impérios, celebradas pelas graças das vis ações dos piratas que teimaram, ao longo dos séculos, em vaguear e saquear os mares do sul da China.

* **Alfredo Gomes Dias**, investigador da História de Macau



Simbologias Chinesas

O Dragão e a Fénix

O **Dragão** é um animal mitológico. Na Antiguidade remota, as diversas tribos no território chinês adotaram para seu totem diversos animais - cavalo, serpente, peixe, entre outros. Mais tarde, as tribos unificaram-se e para seu novo totem, a tribo unificada tirou um pouco de cada um desses animais, inventando um animal mais poderoso, “dragão”, único no mundo, que tinha a capacidade de andar, nadar, voar e mandar nas nuvens e chuvas. A imagem do dragão original era mais simples. Com o tempo e a evolução, essa imagem foi-se aperfeiçoando, ficando na dinastia Ming com cabeça de boi, chifre de veado, barbas de carpa, corpo de boa, pescoço de serpente, escamas de peixe, garras de águia, olhos de camarão e palmas de tigre.



O dragão representa várias interpretações do simbolismo:

1. Simboliza a nação chinesa. Os chineses autodenominam-se “descendentes do dragão”. Sempre que lemos expressões como “dragão no Oriente”, podemos afirmar que se refere à China. Até a letra de uma canção diz: no extremo Oriente há um Dragão e o seu nome é China / No extremo Oriente vive um povo e todos desse povo são descendentes do Dragão / Tendo olhos pretos, cabelos pretos e pele amarela, são e sempre serão descendentes do Dragão.
2. Simboliza o imperador das dinastias chinesas e em imensas expressões o termo “long/dragão” refere-se sem exceção ao imperador: cadeira do dragão/poltrona do imperador, cama do dragão/cama do imperador, túnica do dragão/túnica do imperador, filho(s) do dragão/filho(s) do imperador, corpo do dragão/corpo ou saúde do imperador, rosto do dragão/rosto do imperador. Aliás, nas dinastias, o imperador era o único que podia utilizar objetos em forma de dragão ou com desenhos de dragão.
3. Simboliza o que é bom e nobre, com o provérbio “desejar que o filho seja o dragão” a significar exatamente “desejar que o filho seja alguém com sucesso na vida”.

4. Torna-se uma mascote favorita do povo chinês, que adora a dança do dragão, e a competição/corrída de barcos-dragão.



Dança do dragão



Corrida de barcos-dragão

As danças do dragão e a corrida de barcos-dragão exprimem precisamente o gosto do povo chinês por esse animal mitológico.

A **Fénix**, uma ave mitológica, tem acompanhado sempre o dragão desde a Antiguidade remota e a sua imagem, tal como a do dragão, também passou por um longo período de evolução e aperfeiçoamento. Era parecida com o pavão, ficando na dinastia Ming com cabeça de galinha, corpo de cegonha, cauda de pavão e penas de pato mandarim.



Como rainha das aves, a fénix tem vários simbolismos:

1. Representa a imperatriz nas dinastias, o que é revelado pelas seguintes expressões: corpo da fénix (referente ao corpo ou saúde de uma imperatriz), coroa da fénix (referente à coroa usada pelas imperatrizes).



Uma coroa da fénix, desenterrada em Beijing, atribuída à imperatriz Xiaoduan (1564-1620), com seis dragões e três fénix.

2. Representa a rapariga ou a noiva. Por exemplo, os chineses dizem “gémeos dragão e fénix” para significar “gémeos de sexos diferentes”; “velas dragão e fénix” a referir um par de velas com imagens respetivamente de dragão e fénix, que se acendem no quarto nupcial; “convite de casamento dragão e fénix”, assinado pelo noivo e noiva, etc.



Velas dragão e fénix



Convite de casamento dragão e fénix

Convém salientar que a coroa da fénix não era de uso exclusivo das imperatrizes. Desde a dinastia Song (960-1279), juntamente com o xaile colorido, fazia parte do traje de cerimónia das senhoras

de alta sociedade. E graças a uma lenda – **Conhecer a lenda aqui** –passou a ser traje da noiva no dia de casamento.

3. Simboliza o que é bom e nobre, o bom sinal ou o auspício, nas expressões de “pena da fénix e chifre do qilin” (a referir pessoas ou objetos raros e preciosos), “figado do dragão e medula da fénix” (a significar comida rara e deliciosa).

Coloquialmente, diz-se mais “fenghuang” do que “feng” para se referir à fénix. Na mitologia chinesa, o macho desta ave chama-se “feng” e a fêmea, “huang”, pelo que o “feng” pode representar o homem ou o noivo, e a “huang”, a mulher ou a noiva. Temos uma história que se chama “*Três fengs galanteiam uma huang*” e conta precisamente como três pretendentes pediam a mão de uma rapariga, na dinastia Ming. Temos também uma famosa música “*O feng corteja a huang*” ou “*Fénix macho galanteia fénix fêmea*”, com letra e música do famoso letrado Sima Xiangru (179 a.C.–118 a. C), a mostrar a sua paixão ardente pela Zhuo Wenjun (175 a.C.–121 a.C.), considerada uma das quatro mulheres mais talentosas na Antiguidade chinesa.

** Wang Suoying, docente de chinês, português e tradução entre chinês e português, Doutorada em Linguística pela Universidade Nova de Lisboa, professora auxiliar aposentada da Universidade de Aveiro e membro do Conselho Consultivo da FJA.*

O Ano da Serpente em Portugal, principais eventos



Jantar da Casa de Macau no restaurante Mandarin do Casino do Estoril



Teve lugar no dia 29 de janeiro um jantar organizado pela Casa de Macau de Lisboa para festejar o início do Ano da Serpente. Numa sala repleta de participantes a FJA fez-se representar, numa mesa própria, pela Presidente, Dra. Maria Celeste Hagatong, pelos Curadores General José Garcia Leandro, Eng.^a Maria Alexandra Costa Gomes, Dr. Leonel Miranda e Dr. Rui Soares

Santos, pelo membro do Conselho Consultivo Dr. Pedro Líbano Monteiro, pelo membro do Conselho Fiscal Dr. Pedro Aleixo Dias, e pelos colaboradores Dra. Celina Veiga de Oliveira e Dr. Alfredo Gomes Dias.



Embaixada da República Popular da China



No dia 23 de janeiro passado, a Embaixada da República Popular da China em Lisboa promoveu, no Hotel Intercontinental em Lisboa, uma receção alusiva ao Ano Novo Chinês da Serpente.

No dia 1 de fevereiro a Embaixada promoveu também, no Salão Preto e Prata do Casino do Estoril, um espetáculo “Feliz Ano Novo Chinês 2025” – pela Hangzhou Art Company, da província de Zhejiang, o qual foi antecedido da Dança do Dragão e Leões de Boas Vindas e de um Jantar de Gala, onde esteve presente a Presidente da FJA, Maria Celeste Hagatong.

Associação Portuguesa dos Amigos da Cultura Chinesa



Com a colaboração da Commonweal Fond of Liberal Arts de Nanjing e da Associação Internacional CLAN para a Inovação Cultural e Educação Juvenil, a Associação Portuguesa dos Amigos da Cultura Chinesa, de que é Presidente a Prof.^a Wang Suoying, membro do Conselho Consultivo da FJA e colaboradora da nossa newsletter, promoveu, no dia 25 de janeiro, no CCCM, em Lisboa, durante todo o dia, um programa especial de celebração do Ano Novo da Serpente.

A Associação promoveu igualmente, no dia 31 de janeiro, um jantar de Ano Novo Chinês no restaurante Fei He, nas Olaias, em Lisboa, onde a FJA se fez representar pela sua Presidente, Maria Celeste Hagatong, e pela Diretora-Geral, Carmo Almeida Lourenço, e colaborou ainda nas comemorações organizadas no dia 1 de fevereiro pela Câmara Municipal de Lisboa junto à Alameda D. Afonso Henriques, designadamente no desfile e num quiosque cultural.



OPINIÃO



O Ano da Serpente

Wang Suoying, docente de chinês, português e tradução entre chinês e português, doutorada em Linguística pela Universidade Nova de Lisboa, professora auxiliar aposentada da Universidade de Aveiro e membro do Conselho Consultivo da FJA.

Entrámos, no dia 29 de fevereiro, no Ano da Serpente, um animal que é popular, respeitosa e carinhosamente tratado pelos chineses de “dragão pequeno”, pois, como é de conhecimento geral, o dragão é mitológico e a sua imagem foi criada com a inspiração da serpente, real, a qual tem, em algumas circunstâncias, mais poderio do que o dragão, pelo que não são para estranhar os tratamentos de “dragão pequeno” e de “Ano do Dragão Pequeno”, referente ao Ano da Serpente.

No entanto, apesar de ser um animal real, está relacionado com deuses e imortais, na cultura chinesa. A mitologia chinesa conta que, depois de Pangu ter separado o céu da terra, criando o mundo, chegou à Terra a deusa Nüwa, a criar o ser humano com barro amarelo. Outro mito conta que Fuxi fez imensas invenções, sendo todas obras representantes da sabedoria chinesa, que incluem os oito trigramas. As fontes mais antigas e muitas pinturas retratam Pangu, Nüwa e Fuxi como criaturas com corpo da serpente. A lenda da Serpente Branca narra o amor comovente entre a bela mulher Bai Suzhen e o singelo letrado Xu Xian, sendo ela, na realidade, uma serpente branca, bondosa e imortal, podendo transformar-se, a qualquer momento, num ser humano. O amor entre os dois passou por muitas vicissitudes e, a certo momento, para salvar o marido preso num templo situado num monte, a senhora Bai, grávida, mandou as águas do rio inundarem o monte com ataque dos caranguejos e camarões. Trata-se de um dos quatro amores mais famosos na Antiguidade chinesa. Além da populosa etnia han, para algumas outras minorias étnicas no território chinês, como por exemplo, yi, tujia, li, miao, dai, zhuang, lisu, etc., a serpente é venerada como encarnação de Deus ou vista como amigo do ser humano, com muitas lendas bonitas.



Pangu



Nüwa



Fuxi

A serpente representa várias interpretações do simbolismo na cultura chinesa e vamos citar algumas delas:

Simboliza a sabedoria, pois desde a Antiguidade, as serpentes são descritas como criaturas misteriosas com a capacidade de prever as sortes, o que é descrito nos livros clássicos *Shanhaijing* e *Huainanzi*;

Simboliza a agilidade, pois consegue prever perigos e calamidades naturais, agindo rapidamente, adaptando-se às circunstâncias, o que foi provado em 1975, altura em que as autoridades chinesas mandaram dispersar oportunamente os habitantes de Haicheng, zona densamente povoada com concentração de indústrias, antes de um terramoto com a magnitude de 7,3 na escala de Richter, depois de terem verificado sobretudo o comportamento anormal das serpentes;

Simboliza a regeneração, vida e crescimento, o que é explicado pela muda da sua pele ao longo da vida; sempre que tenha uma muda, torna-se fisicamente maior.

Por isso a imagem da serpente aparece em muitas peças arqueológicas e decorações modernas.

Na crença chinesa, as pessoas possuem sempre uma parte das características do seu signo. Portanto, O simbolismo da serpente explica que os nativos desse signo são sensatos e prudentes, tendo um comportamento calmo, um intelecto apurado, uma observação minuciosa, uma intuição profunda, uma estratégia renovada e grande capacidade de execução, destacando-se na liderança e na resolução de problemas. O ano 2025 é de serpente de madeira e os que nascem no Ano da Serpente da Madeira combinam a sabedoria e a agilidade da serpente com o vigor e o crescimento de madeira, prometendo um futuro com progressos constantes.

Para os nativos do signo serpente, apesar de poderem enfrentar certas dificuldades em 2025 por se encontrarem no ano do seu signo, são capazes de responder habilmente a desafios, encontrando soluções para problemas difíceis em situações complexas.

Desejamos um Bom Ano da Serpente a todos!

Nota: Para saber melhor de Pangu, Nüwa e Fuxi, pode ler-se *Mitos e Lendas da Terra do Dragão*, incluído no Plano Nacional de Leitura, de Wang Suoying e Ana Cristina Alves, Caminho.

IMPrensa



[GOVERNAÇÃO | SAM HOU
FAI DESTACA “UM PAÍS,
DOIS SISTEMAS”](#)

Fonte: Jornal Hoje Macau



[FESTIVAL DE ARTES E
CULTURA DA LUSOFONIA
TEVE CERCA DE 70 MIL
PARTICIPANTES](#)

Fonte: Jornal Ponto Final



[MACAENSES DISPOSTOS A SER PONTES PARA TROCAS ENTRE CHINA E PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA](#)

Fonte: Jornal Ponto Final



[AS OPERADORAS E A RECUPERAÇÃO DO PATRIMÓNIO: UM IMPACTO DIFÍCIL DE AVALIAR](#)

Fonte: Jornal Ponto Final



[“ENVOLVER MAIS A COMUNIDADE CHINESA” PARA LEVAR ARRAIAL DE NOVO A SÃO LÁZARO](#)

Fonte: Jornal Tribuna de Macau



[COOPERAÇÃO | O LAM DEFENDE LAÇOS COM UNIVERSIDADES LUSÓFONAS](#)

Fonte: Jornal Hoje Macau



[FOLCLORE | CONSULTA APOIA DANÇA PORTUGUESA COMO PATRIMÓNIO](#)

Fonte: Hoje Macau



[PORTUGAL | VINHO, AZEITE OU CORTIÇA CRUZAM NOVA ROTA DA SEDA](#)

Fonte: Hoje Macau



[XI JINPING DIZ QUE CHINA E UE “NÃO TÊM CONFLITOS DE INTERESSES”](#)

Fonte: Jornal Ponto Final



[COLOANE | TERMINADAS ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS](#)

Fonte: Hoje Macau



[SAM HOU FAI DEFENDE QUE LIBERDADE DE IMPRENSA ESTÁ “TOTALMENTE ASSEGURADA”](#)

Fonte: Jornal Ponto Final



[SAM HOU FAI EXIGE “ÉTICA” AOS DIRIGENTES E CHEFIAS](#)

Fonte: Jornal Tribuna de Macau



[O ANO DA SERPENTE
TRAZ SABEDORIA E
AGILIDADE, E TAMBÉM
RENOVAÇÕES,
OPORTUNIDADES E
DESAFIOS](#)

Fonte: Jornal Diário de
Notícias



[2025 É O ANO DA
SERPENTE, E A
SERPENTE PARA A CHINA
É UM ANIMAL MUITO
INTELIGENTE](#)

Fonte: Jornal Diário de
Notícias



[MACAU E HONG KONG
INTERLIGAM MERCADOS
OBRIGACIONISTAS](#)

Fonte: Jornal Tribuna de
Macau



[A PROPÓSITO DE UM
IMPORTANTE LIVRO
SOBRE MACAU - I](#)

Fonte: Jornal Tribuna de
Macau

Fundação Jorge Álvares

Rua Castilho, 39 (Edif. Castil) - 11º Andar - Letra
I, 1250-068 Lisboa

Portugal

Está a receber este email porque faz parte dos
nossos contactos

[Cancelar subscrição](#)